

pressão intermediária (~490 até 650°C e ~4 até 7 kbar), com queda aproximadamente isotérmica da pressão no seu final. Nos minerais superpostos ou associados aos domínios da S₂, há também desenvolvimento de um evento progressivo da fácies dos xistos verdes superior até a fácies anfibolito, mas em regime de menor pressão (~500 até 580°C e ~4 até 4,7 kbar), ao qual segue-se queda da pressão e retrometamorfismo, em trajetória P-T-t horária, que trunca a trajetória do evento anterior. Assim, os resultados indicam que houve um metamorfismo progressivo (evento Serra do Itaberaba), ao qual seguiu-se a exumação dos terrenos, subsidência, deposição e metamorfismo do Grupo São Roque, ocasionando o remetamorfismo das rochas do GSI. Estes resultados descartam as interpretações que consideram as supracrustais Serra do Itaberaba/São Roque como evoluídas em um único ciclo geotectônico. — (26 de junho de 1997).

*Pós-Graduação.

NEOTECTÔNICA NO PLANALTO DE CAMPOS DO JORDÃO, SP: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO*

SILVIO TAKASHI HIRUMA¹,

CLAUDIO RICCOMINI^{2**} E

MAY CHRISTINE MODENESI¹

Credenciado por UMBERTO G. CORDANI

¹Instituto Geológico, Secretaria do Meio Ambiente de Estado (SP).

²Instituto de Geociências, USP.

O Planalto de Campos do Jordão, situado na porção sudoeste do bloco principal da Serra da Mantiqueira, constitui a superfície cimeira do Brasil de Sudeste. Para a definição e caracterização do quadro neotectônico dessa região estão sendo integrados estudos geomorfológicos, estratigráficos e estruturais.

Trabalhos anteriores indicaram evidências geomorfológicas associadas ao tectonismo recente no planalto, tais como: capturas de drenagem, vales assimétricos com escarpas retilíneas, facetas triangulares e trapezoidais e vales suspensos.

A análise de mapas morfométricos (densidade de drenagem, gradientes hidráulicos, superfícies de bases) permitiu definir discontinuidades e individualizar setores de comportamento anômalo, provavelmente associados à tectônica recente.

No frontão do planalto, na região do Córrego do Galvão (1900-2007m), foram observadas reativações tectônicas ao longo da Falha de Jundiuvira, expressas por estruturas tectônicas rúpteis. Foram identificados três regimes neotectônicos superpostos: inicialmente um binário transcorrente dextral com falhas transcorrentes dextrais ENE/ESE e sinistrais NNW, conforme modelo de cisalhamento proposto por Riedel, seguido por um regime de extensão de direção E-W que afeta as *stone-lines* e, finalmente compressão E-W, registrado por juntas conjugadas em colúvios e solos.

Esses dados preliminares indicam que a região do Planalto de Campos do Jordão esteve sujeita a um regime de esforços semelhante aos descritos para áreas vizinhas já estudadas, no contexto do *Rift Continental* do Sudeste do Brasil, como no Vale do Rio Paraíba do Sul e no Maciço Alcalino de Itatiaia. — (26 de junho de 1997).

*Auxílio da FAPESP, Processo 96/08239-5.

**Bolsista de Pesquisa do CNPq.

ESTRATIGRAFIA DE SEQUÊNCIAS DO GRUPO BAMBUÍ (PROTEROZÓICO SUPERIOR), NAS SERRAS DE SANTA HELENA E DA ÁGUA FRIA, ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL. PROPOSTA DE UM ARCABOUÇO CRONOESTRATIGRÁFICO DE 3ª ORDEM

JOSÉ ROBERTO CANUTO

Credenciado por UMBERTO G. CORDANI

IGc-USP.

A Serra de Santa Helena, a norte da cidade de Sete Lagoas, MG, apresenta rochas do Grupo Bambuí, sobre o cráton do São Francisco, compondo as formações Sete Lagoas, Santa Helena, Lagoa do Jacaré, Serra da Saudade, e Três Marias, sobrepostas nessa ordem, estratigraficamente. A Serra da Água Fria apresenta sucessão sedimentar semelhante, incluindo, porém, na base da coluna sedimentar, a Formação Jequitaiá, sob a Formação Sete Lagoas. Associando-se as duas regiões serranas, tem-se a estratigrafia completa do Grupo Bambuí, segundo Dardenne (1978), Dardenne & Walder (1979), e Dominguez (1993), na qual já se conhece sua natureza cíclica, relacionada à variação relativa do nível do mar. Nesta ocasião, foram reconhecidos *quatro ciclos* sobrepostos, assim definidos, da base para o topo: 1) Formação Jequitaiá, com pavimentos estriados e